



Maria Luísa Soares

## A propósito do meu romance

### *A Mulher, o jogo mais perigoso*

Mais um livro. Lembro-me da altura em que comecei a escrever, isto é, da altura em que comecei a escrever com intenções de publicar.

O meu regresso de África tinha ocorrido em 1976 e, cumprindo à risca o meu status de retornada em contorções e malabarismos de conquista por um lugar ao sol, estava eu em vias de construir uma vida com o que tinha, quando o sismo de 80 aconteceu.

Um sismo espalhafatoso, medonho que destruiu grande parte da ilha, incluindo a casa onde eu morava. A reconstrução foi lenta e desgastante e, por sobre as ruínas do que ficou, foi sedimentando aos poucos a estranheza de muita coisa nova, muita coisa diferente que ia crescendo ao tamanho da minha necessidade de sobrevivência e da minha urgência de equilíbrio e de segurança. Um dia, já instalada no prédio reconstruído, a ideia surgiu-me embrulhada em desafio e luminosas promessas de não sei já bem o quê.

E vá-se lá saber o como e o porquê da maior parte dos nossos actos.. Ou daquilo que os mobiliza. Apenas me lembro de que a notícia de um concurso literário divulgado pelo Diário Insular, me alertou e alfinetou para o desbravamento daquilo que para mim era ainda o terreno virgem da escrita com destinos de publicação

Enformavam-me os dias impressões com a marca de origem do arquipélago onde nasci, junto com as de Lisboa e Moçambique que continuavam muito vivas em mim. “Estranha forma de vida”, o meu 1º livro, surgiu então. E foi precisamente por alturas do lançamento deste meu 1º livro que ocorreu o insólito registado por mim nas palavras do apresentador: “...este livro de M. Luísa Soares, sendo embora o 1º, não será o último...” . Arrebitei por dentro: “Ora, amigo Álamo, andas melhor informado que eu, porque não estou a pensar escrever nenhum outro , lamento desiludir-te” . E arrumei nas prateleiras do esquecimento a estranheza espantada daquele vaticínio.

Mas tinha razão o Álamo Oliveira: não levou muito tempo qualquer coisa a bulir-me cá dentro, qualquer coisa com ímpetos de extroversão incontrolada, voltou a fazer-se sentir.

Para quem não saiba, o caminho da escrita é de impossível retorno. Uma vez iniciado, existe um poder ou um destino com força de íman que nos vai arrastando, atraindo, empurrando e eles vão aparecendo, os livros. Quando se acaba um livro, é a estranheza de nos faltar qualquer coisa, o vazio deixado pelas personagens com quem criámos laços e o ter de quebrar esses laços com elas. Mais tarde, o receio de não se voltar a ser capaz de escrever por o mundo se tornar de repente velho e já termos esgotado tudo o que havia para dizer dele.

Mas partilhar pensamentos, emoções, denunciar acontecimentos, recriar situações e ir através delas ao encontro de outrem, tem sido até aqui o caminho que me traz o sentido de que preciso para dar sequência aos dias.

Por isso, abalei escrita fora

Após este meu 1º livrinho de contos seguiram-se dois de poesia, “Ribeira submersa” e “África, o corpo e as sombras”. E só então a minha escrita se aventurou pelo romance. Foram surgindo sucessivamente : “Quatro Vozes e Virgínia”, “ Em nome dos princípios”, “A ilha Décima”, “Olhando o nosso céu”, “No tempo dos jacarandás” e “A mulher, o jogo mais perigoso”. Tomei-lhe o gosto, ao que parece. Embora depois destes, tenha caído no apelativo de estórias curtas e publicado dois livros a que dei o nome de “Gostar de ti e esperar-te” e “Mulher procura companheiro”.

Em pleno século XXI, pode dizer-se que, face à realidade que vivemos, doenças novas, manifestações de zanga do planeta, guerra e fanatismos perigosos, pode dizer-se que cada vez mais apetece imaginar e desejar uma outra limpidez de vida. A Escrita é, mais que nunca, um imperativo, um rasgão luminoso que nos preserva do medo e do obscurantismo primário. Para mim, pelo menos, ela é isso.

Como é natural, iniciei-me nela com a marca do arquipélago onde nasci , mas tive também necessidade de extroverter aquilo que tinha sido o meu universo como estudante na década de sessenta em Lisboa, tempo de confrontações estudantis e das lideranças de Medeiros Ferreira, Jorge Sampaio e Pulido Valente. Tempo ainda de aprendizagem com Lindley Sintra, David Mourão Ferreira, padre Manuel Antunes, Vitorino Nemésio... E claro havia África. África, um lugar marcante para mim, o lugar onde me nasceram os filhos e onde experienciei episódios de vida inesquecíveis (“Estranha forma de vida”, “Quatro Vozes e Virgínia”, “Mulher procura companheiro” e “África o corpo e as sombras”).

E já que actualmente o tempo de vida das pessoas aumentou, debruçei-me sobre algumas fases dessa vida. Quando somos empurrados para a prateleira da reforma e nos despedimos de hábitos antigos que substituímos por outros novos. É nesta altura da vida que Jung nos diz que a tarefa das pessoas deve ser uma busca de caminhos e de experiências novas, pois que é então que o ser humano refina em sabedoria e maturidade espiritual. Sim, a carcaça deteriora-se , mas resta-nos ainda a vitalidade de espírito (“Em nome dos princípios” e “No tempo dos jacarandás”).

Em “Olhando o nosso céu” e “A ilha Décima” dei voz ao fatalismo telúrico das ilhas e à nostalgia de mais mundo. Mas principalmente, debruçei-me sobre a especificidade da alma açoriana. Só quem vive ou já viveu no arquipélago a teia do quotidiano é capaz de lhe abarcar por inteiro o significado e o peso.

Aqueles que visitam os Açores em alegre revoada de turista ocasional, captarão talvez e apenas a face visível da alma açoriana. De certeza desconhecirão que viver nos Açores é muitas vezes não estar em sintonia com o resto do mundo. É desalentarmo-nos nos dias sem glória com pés ancorados na circunscrição do mesmo espaço e tanta promessa de movimento à volta: ele são os barcos que passam na eternidade do mar, ele são as incursões dos aviões americanos das Lajes, as aves marinhas em rodopio no céu, o próprio mar a mudar de um dia para o outro e a alternar em nós estranhalamentos opressivos e calmas de azul e de festa. Neste contexto, não admira que a necessidade de nos extrovertermos através da escrita aconteça.

E retomando a análise das diferentes fases de vida das pessoas, escrevi “A mulher, o jogo mais perigoso”. Fui buscar as personagens femininas dos meus anteriores livros de ficção bem como as dos parceiros masculinos.

Pois não é verdade que este nosso planeta é povoado em maior número por mulheres? Assim sendo, achei oportuno dar-lhes espaço e voz. E a fazer jus à fama que temos de ser muito palradoras, ei-las que em conversas muito animadas trocam experiências de vida, desalentos de percurso e sábias conclusões. Como nos vamos entendendo cá pelo planeta, que relacionamento entre homens e mulheres? E como será viver num universo em que todos os códigos europeus redigidos de acordo com os direitos canónico, românico e germânico têm sido sempre desfavoráveis à mulher?

Só mesmo lendo o livro...



Tânia Ferreira

## Encontros e Desencontros

Posso agarrar a tua mão. Posso ouvir-te em desabafos profundos. Posso, ainda, acarinhar o teu rosto. Posso ser ombro amigo. Consigo tudo isso.

Não posso, no entanto, habitar o quarto que reservaste para mim no teu coração. Sou casa inteira, noutra parelha. Declino, gentilmente, os convites para pequenos encontros de um “só para te ver”. Criaste uma necessidade

de mim que não posso satisfazer.

Conecto-me com a angústia do teu sentir. Também já passei por amores não correspondidos, sei de cor a grandeza do sentir-se triste, incompreendido. Reconheço a dor do não se achar suficiente ou do ter chegado tarde demais.